

1  
ESCUDO

# Reporteiri.

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

21 de Fevereiro de 1931

Numero 29



LER NESTE NUMERO: O cadeado maldito — A verdadeira versão da morte da família imperial russa, etc., etc..

Papeis couchés e imitação,  
Magazines, Jornais, Livros,  
Escrita, etc.  
Cartões Marfim, Bristol,  
Duplex, Palha, etc.

Das acreditadas fábricas de  
**GEBRS. VAN REEKUM**  
de Amsterdam

São agentes gerais para Portugal a  
**SOCIEDADE DE COMERCIO EXTERIOR, LTD.**  
Rua do Alecrim, 29 — LISBOA  
Telef. 2-1939

Representada por: **GILBERTO SEQUEIRA**

O papel dêste semanário é for-  
necido por esta fábrica

**ALFAIATARIA**

DE

**ANTONIO DIAS**

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34  
**LISBOA**

**NICOLAU FERRAZ**

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte



**PASSAPORTES**

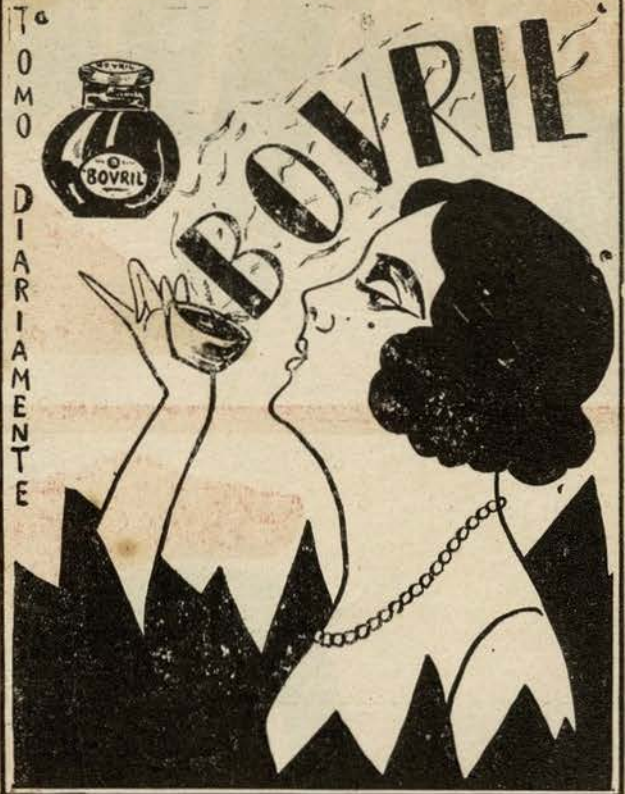
Agente no Norte

da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

**PORTO**



Pela manhã, ao levantar-me da cama, sinto  
um grande prazer em tomar tão belo

**RECONSTITUINTE**

À venda nas mercearias, farmacias e drogarias, etc.

# REPORTER X

Compram-se os números 1,  
5, 6 e 7 dêste semanário  
que se encontram esgotados

Trata-se na administração do "Reporter X", Rossio, 3, 3.º

■ **LISBOA** ■



# A MORTE DA FAMÍLIA IMPERIAL RUSSA

**Mais de doze anos depois, obtem-se o relato verídico, feito por testemunhas oculares, de uma das mais espantosas tragédias dos últimos tempos**

**E**RA ainda desconhecida do grande público a verdadeira versão da morte da família imperial russa. Sobre o seu trágico destino correram pelo mundo várias notícias, nenhuma porém autenticada por qualquer testemunha ocular. A imprensa partidária, quer da direita, quer da esquerda, no intuito sectário de impôr o seu critério, inventou variadíssimas versões, uma pintando o quadro da desapareição da família imperial russa com as tintas mais negras de que podia dispor a sua imaginação; outra atenuando o facto, aguçando-o de suaves tons, em que surgia a hipótese de a família do «Tzar» ainda se encontrar viva, embora bem escondida e guardada em local secreto.

Só agora a autêntica versão surge à luz do dia. Por ela se verifica que efectivamente essa família foi fuzilada, vítima do sectarismo revolucionário que, como todos os sectarismos,

combatentes sob o comando do general Dutov. Batemo-nos contra os bolchevistas e conseguimos ocupar, uma após outra, as cidades de Orsk, Vergevralsk, Troitsk e Cheliabnik. Continuando a avançar, no dia 23 de Julho desse ano, chegámos a cerca de 7 verstas (8 quilómetros) de Ekaterinburgo, onde viviam desterrados o Imperador e a família.

«Ao amanhecer do dia 24 recebi ordem do general Dutov para atacar a cidade pela parte sudeste. Depois de fraquíssima resistência por parte dos revolucionários, ocupámos a estação de Ekaterinburgo II (no extremo da cidade) onde entrei com os meus soldados, ao meio-dia. Dirigi-me a todo o galope com uma «sótnia» (destacamento de 100 cossacos) à Avenida da Assunção, onde se encontra o palácio Ipatiev, residência da família imperial. Ali, os vizinhos do palácio declararam-me que este já não albergava ninguém.

—Durante a noite de 17 para 18 de Julho— diziam os habitantes do bairro—ouvimos descargas cerradas dentro do palácio e pouco depois as camionetas levavam os cadáveres, em grande correria. O medo obrigou-nos a permanecer encerrados em nossas casas, impedindo-nos de ver a sinistra comitiva».

## O ASPECTO SINISTRO DO PALÁCIO DEPOIS DO DRAMA

«O palácio, que os bolchevistas na sua projectada fuga não tiveram tempo de limpar e pôr em ordem, estava fechado. A sua volta os bolchevistas tinham construído um muro, muito alto do lado que olha a catedral da Assunção, certamente para evitar a possibilidade de um entendimento por sinais. Mandei arrombar a porta de entrada. Pelos corredores e quartos encontrei, dispersos, volumes, roupa e uniformes com o monograma do Imperador, tudo ensanguentado.

«No segundo andar a desordem era ainda maior.

## O QUE DISSERAM AS TESTEMUNHAS Oculares

«Ao ocupar Ekaterinburgo —prosegue o oficial cossaco— caíram em nosso poder muitos prisioneiros das tropas vermelhas. Entre eles, dois soldados: Dimitri Soloviev e Sergio Proskunlakov, que faziam parte do pelotão que, na noite trágica de 18 de Julho, executou o «Tzar» e a sua família.»

O oficial polaco refere assim as declarações dos dois soldados que assistiram a um dos episódios sangrentos da História da humanidade nestes últimos tempos:

—Como o exército branco se acercava da cidade, ameaçando occupá-la de um dia para o outro, o soviete local reuniu-se na manhã do dia 17 de Julho, em sessão extraordinária e permanente, convocada com urgência para decidir do destino a dar à família imperial. Antes de se tomar qualquer decisão foram telegraficamente consultadas as instâncias superiores de Moscovia. Ao meio dia chegou a seguinte resposta telegráfica:

*A família imperial está inteiramente à disposição do soviete local da vossa cidade. Procede como entenderem conveniente.*

«Lido o telegrama, foi votada por unanimidade a execução imediata de toda a família. E os comissários Medriedov e Aculov os encarregados de a levar a cabo.

«A's 11 horas da noite do dia 17, comandado por

aquêles dois comissários, um pelotão de soldados, do qual fazíamos parte, chegou ao palácio Ipatiev, em duas camionetas blindadas.

«Depois de trocada a senha com as sentinelas, entrámos e subimos imediatamente ao primeiro andar, onde a uma das salas foi chamado o imperador, que a essa hora estava dormindo.

«Assim que Nicolau II entrou na sala, o comissário do povo Aculow, com voz lenta e grave, leu a sentença. Ouvida a leitura, o imperador, pálido mas sereno, disse em tom tranquilo:

—«Não creio que os representantes do povo sejam capazes de fuzilar-me sem acusação concreta.

—«Já to vou mostrar!»— exclamou o comissário Medriedov empunhando e disparando de chofre o seu revólver sobre o imperador, que caiu ferido, gemendo.

«Ao ouvir as detonações, irrompeu apavorada, na



O último «Tzar» da Rússia, Nicolau II, assassinado pelos bolchevistas em Ekaterinburgo.

não encontra melhor forma de impôr os seus ideais senão pela violência —a ferro e fogo.

Apenas três jornais obtiveram o relato sensacional que se segue: Hinuvstadblad, de Helsingfors, Vozrojenia, jornal russo que se publica em França, e o Reporter X, que cumpre mais uma vez a sua divisa de «semanário das grandes reportagens».

## O QUE CONTA UM MAJOR FINLANDEZ

Eric Regnell, major do exército finlandês, antigo comandante do campo de concentração de Tavastus, organizado pelo governo da Finlândia em 1920, obteve de um oficial cossaco a declaração escrita dos factos que adiante narramos, que só depois de alguns anos de investigação que a comprovou se decidiu a revelá-la ao público.

—Em 1918 —conta o oficial cossaco— pertencia eu ao corpo do exército de cossacos de Orenburgo, que em princípios de Março contava 20.000



O «Tsarevitch» Alexis, ultimo descendente dos Romanovs, vítima por doença e não assassinado como se afirma.

sala, a família imperial, contra a qual fizemos duas descargas cerradas.

«A afirmação de que o «Tsarevitch» (príncipe herdeiro) tinha sido morto ao mesmo tempo que seus pais e irmãos, é inexacta. O herdeiro do trono tinha morrido vítima por doença, tempo antes, logo após a chegada da família imperial de Tobolsk, e encontra-se sepultado no convento de Tihvinsk.

«Os que foram fuzilados com a família imperial eram o grão-duque Igor Constantinovitch, um outro próximo parente do «Tzar» e mais cinco personagens do seu séquito.

«Os cadáveres foram, na mesma noite, transportados em camionetas para a mina de carvão «Mednaia», onde foram queimados.»

E' esta, sem mais palavra, nem menos palavra, a versão dos rudes soldados.

M. G.

**ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

# O MISTÉRIO DA LISBOA SUBTERRÂNEA

Existem mais de 10 quilómetros de túneis, no sub-solo da capital — A recordação de uma aventura infantil, nos baixos do Teatro Nacional — As revelações do alemão Toth von Vokker, empreiteiro do Marquês de Pombal

QUANDO me defrontei com os documentos que são o organismo desta reportagem — acudiu-me logo um dos episódios mais emocionantes da minha meninice e que podia, com justeza, servir de preâmbulo. Graças a uma grande amizade de família consegui satisfazer uma das maiores curiosidades da minha infância, a curiosidade que os bastidores teatrais me despertavam. Rara era a noite ou a tarde de liberdade colegial que eu, ainda de calção curto, colarinho «à mamã» e laçote «à Bébé», não aproveitasse, invadindo, pela mão dessa boa amiga, o palco do «Nacional». Datam dessa época as minhas mais fortes amizades com gente de teatro...

Havia outros colegas habitués daqueles bastidores — com quem não tardei a arrancar —, filhos, sobrinhos, netos de artistas, scenógrafos, dramaturgos... Os velhos teatros, como todos os velhos casarões desertos, os teatros, fóra das horas do espectáculo afligem como palácios abandonados — dão-nos a ideia de ninhos de mistérios e de fantasmas. As sombras, os ecos, a ruína dos muros interiores, o avesso dos cenários — tudo agravava essa impressão no nosso espírito infantil. Uma tarde, um dos colegas do rancho veio, muito pálido e trémulo, basofiar aventuras de valente, através dum túnel que descobrira, lá muito abaixo do palco. Era a época do apogeu das novelas «sherlockolmescas» — e todos os inverosímels se tornavam não só verosímels mas também apetitosos à nossa fantasia. Inchámos os nossos tóraxes infantis e quisemos ser tão valentes como aquêle companheiro de calção curto... E seguindo os conselhos do detective, herói das nossas novelas predilectas, reunimos um magro capital de moedas de cobre e com êle comprámos uma vela, um rolo de cordel e uma caixa de fósforos. Depois, ciceronados pelo alviçareiro do tal túnel, descemos ao sub-solo do teatro — vasto e atarracado de cenários e adereços. Ao fundo havia uma porta estreita. Aberta ela, vimos, graças à restea de luz de uma lampada sonolenta, uma escada de caracol que descemos. Mas ainda não era esse subterrâneo o objectivo da nossa empresa. Havia uma espécie de alçapão, uma nova escada, desembocando por fim num recinto que a bruxuleante chama da vela nos revelou sombrio e terreo, como uma fuma. Os nossos sapatos enlamearam-se numa espécie de lodaçal, perpetuamente empapado em humidade. As paredes suavam gotas viscosas. Ao centro cavava-se um poço — de cujos bordos nascia uma escada tósca, de degraus cambados, como a resvalarem, descastelados, ao menor péso. Um mutuo pudor nos impediu de desertarmos... Com a mão em concha, a velar a chama da vela, inicieti a descida... Eram oito os degraus — recorde bem —, desembocando na abertura oval de um túnel. Lufadas mal cheirosas, exalações de sentina, um fermentar de podridão mixto de hálitos bafitentos, de pestilências subterráneas, de evaporações de vaia comum — empestava-nos o olfacto, entontecendo-nos... Pretexando vantagens na exploração do caminho — alvitrei que só um seguisse com a vela, atado à cintura pelo cordel, que nós iríamos desbobinando dali; e que êsse, ao menor perigo ou à primeira descoberta, desse um esticão, como sinal para que nós, seguindo o cordel, fôssemos ao seu encontro. Mal pensava eu que o Destino me havia de designar para essa prova de heroísmo... involuntário. Resignei-me e segui, de vela na mão e cinto de cordel... Caminhei até ao fim do corredor — e olhei para trás. Os meus companheiros, espescados na abertura, estavam invisíveis, envoltos nas trevas que o reflexo da luz da vela não attingia. Dali o túnel bifurcava-se... Resolvi seguir o ramal da direita... Minutos depois, nova bifurcação... Os

dentes rangiam-me e até a hipótese de voltar para trás me assustava... Espreitei pela abertura da esquerda — mas logo um sópro de vento, vindo não sei de onde, me apagou a vela. Não me acordar logo — lembrando-me do cordel... Mas quando, ao apalpar a cintura, compreendi que o cordel se desenlaçara e que eu estava desligado dos outros — senti um terror de morte... Naquela desorientação, julgando recuar, avancei por um dos dois caminhos... Os recintos sucediam-se... O ar regelava... Multiplicavam-se as ramificações... Alarmado, com a intuição de que me perdera, gritei... As trevas afluxavam-me Chorei e chamei... pela mamã!!! (Tinha dez anos...) Os fósforos tinham ficado com os outros...

A aventura... iniciara-se ás duas da tarde. Eram cinco horas quando regressei ao Nacional! Os meus companheiros, coitados, tinham amaldiçoado, mil vezes, a traquinice, julgando-me perdido... Fui para casa cheio de febre... E des-



No sub-solo havia uma porta que dava para o túnel...

preeza, de que talvez ainda hoje se recorde o engenheiro Carlos Santos Junior, filho do illustre artista, e o actual bilheteiro do Nacional, que ambos pertenciam ao suadaz rancho dos exploradores subterráneos, tenho, nítida, uma recordação... A meio do túnel, quando a atmosfera nauseabunda regelava com maior frescura, vi uma escada cavada na própria terra, encimada por um alçapão de ferro. Ao lado do alçapão havia um ralo... Pelo ralo coava-se luz de dia e... o brouhaha de uma das ruas da Baixa. Qual? Não sei! Nunca soube! Nunca mais tentei sabê-lo, aventurando-me pelo mesmo caminho!

Um amigo nosso, o sr. Hugo Valadares, comerciante português em Leipzig, encontrou num alfarrabista da vizinhança de Augustus Platz um livro que, julgando, e com razão, digno de ser comentado pelo Reporter X teve a gentileza de no-lo enviar. E' seu autor o sr. Toth von Vokker, filho do maçon e empreiteiro alemão que esteve em Lisboa após o terramoto de 1755. O pai contou ao filho o que viu e o que fez no nosso país, e o filho escreveu-o e publicou-o em 1767. Intitula-se a obra, valiosamente documentada, «De Wormess-Wanderer-von-Lissabon». Embora incompleta, como que escrita exclusivamente para iniciados em determinada seita, ela projecta luz bastante para se iniciar um estudo sobre um dos mais intrigantes mistérios nacionais: o mistério da Lisboa subterrânea. Logo no prologo, lê-se o seguinte comentário: «Lisboa, antes de ser capital dos portugueses pertenceu a mouros, a romanos, e até a gregos. Ignora-se quem foi o iniciador da cidade subterrânea de Lisboa, mas que ela existe, que foi desenvolvida, alastrada, através dos séculos, obedecendo-se sempre ao mesmo plano, a um plano único que passou em herança por muitas gerações, e que estas gerações trabalharam secretamente, não pôde haver a menor dúvida. Em certos pontos do balro reconstruído após o terramoto encontram-se ruas subterráneas com todas as características romanas. Seriam êles os seus iniciadores? Há tam-

bém quem atribua aos mouros êsse trabalho de sapa, mas isso é pouco verosímil visto que os mouros limitaram-se a uma das colinas. Contudo conheci um convertido e prospero comerciante arabe, descendente de antigos poderosos da sua raça, que me confidenciou essa hipótese: «Existiu durante séculos, entre a moirama, a tradição de que, no caso de sermos hostilizados de surpresa pelos portugueses, nos podíamos salvar a todos, rapidamente, porque havia, no sub-solo de Lisboa, uma segunda cidade, pacientemente construída pelos nossos avós quando, ao fundar-se a nacionalidade, se tornou uma ameaça permanente a conquista de Lisboa pelo primeiro rei português. E tanto assim que é um enigma histórico essa conquista. Quando os vencedores tomaram Lisboa, encontraram-na quasi despovoada. Avaluou-se em dez mil o número de mouros que tinham fugido. Mulheres foram encontradas apenas uma centena. Crianças e velhos, jêm uma. E' que, diz a mesma tradição, essa cidade subterrânea, que forma como que uma estrêla de corredores, acaba por desembocar no Tejo, em vários pontos»...

O capítulo mais digno de reflexão dessa obra é aquêle em que o autor conta as aventuras paternas em Lisboa. Fora contratado por Pombal, juntamente com outros estrangeiros, quando a cidade estava ainda toda estripada pelo terramoto. Ao alisar o solo chocou-se com o labirinto subterrâneo, e logo o quis estudar, preocupando-se mais com êsse trabalho de dilettante do que com aquêle a que era obrigado por contrato. Mas gozou a tolerância do ministro porque o Marquês, a quem êle segredou os seus planos, foi o primeiro a animá-lo e a favorecê-lo com todas as facilidades.

«A primeira conclusão a que cheguei meu pai é que essa cidade subterrânea não era obra do acaso, mas sim um plano preconcebido com génio, apontado a grandes objectivos históricos e que levava alguns séculos a pôr em prática. O próprio desenho do ramal central, que liga uma praça onde se ergue o Palácio da Inquisição a três das quatro colinas, tendo um ralo que conduz à Ribeira e que desemboca no rio, tem um significado egipcio. (?) Logo a seguir notou que embora o esboço estivesse completo, as obras tinham sido suspensas, havendo vários raios da estrêla central que, estando bem garantidos até meio, continuavam sem defesa e estacavam antes de atingir o seu fim. Além disso meu pai descobriu que, sobreposto ao plano inicial, havia um segundo plano — ou seja que outra seita, aproveitando, em parte, o trabalho realizado pela primeira, o usara e dilatara, não seguindo o plano inicial, mas sim seguindo o seu próprio plano. O mais notavel é que essa segunda ramificação não só ligava entre si os principais conventos da cidade como os conduzia subterraneamente ao Palácio Real.»

Na impossibilidade de meter nesta *Betesga* de colunas o *Rossio* de revelações que o livro contém — vou dar avulso alguns dados respigados. Os túneis subterráneos de Lisboa devem medir 10 quilómetros. O caminho para as colinas é feito em espiral. O túnel mais baixo, que, segundo o descritivo do autor, é o que conduz do *Rossio* ao Carmo, chega a estar a 600 metros do solo. Vários desses túneis têm, cavados nas paredes, nichos e mesmo recintos, sub-divididos em várias grutas que revelam vestígios de terem sido habi-

(Conclui na pag. 15)

# 300 "dossiers" des truídos

O arquivo de contra-espionagem do «Intelligence Service» em Lisboa — Revelações

FULANO tem um *dossier* magnífico sobre a espionagem em Portugal durante a Grande Guerra...

Esta basófia é proclamada freqüentemente por certos indivíduos com alardes de «bem informados», atacados dessa portuguêsíssima prosápia de de «Jeais tout...» E logo acrescentam a chance-lar, contra qualquer suspeita, a sua grave confidência:

— Fulano fez parte, como agente, da delegação em Lisboa, do *Intelligence Service* de Londres...

E se por vezes, poucas, êsses *dossiers* são autênticos e essas informações honradas, servindo para desmascarar velhacos com vantagem para o país e para toda a gente — na grande maioria dos casos são usados como arma de «chantage» contra consciências... pouco tranqüilas que, assustadas com a ameaça dos tais *dossiers*, se deixam explorar pelos canalhas que os evocam... Ainda há pouco tempo a imprensa francesa se alarmou a propósito da larga carreira conseguida naquele país pela «chantage» dos *dossiers* do *Intelligence Service*. Em Portugal, graças à estreiteza do meio, o êxito dessa infâmia é muito menor... Contudo...

## A ORGANIZAÇÃO DA CONTRA-ESPIONAGEM EM PORTUGAL

O «Reporter X» foi o primeiro e único jornal português que revelou os segredos da espionagem alemã em Portugal, através as sensacionais confidências do próprio organizador alemão, que



A Refinaria Luso-Brasileira, de Rua do Ferregial, em cujos fornos foram destruídos os famosos *dossiers*.

publicou, em Agosto do ano passado, o seu livro de memórias. Vamos agora revelar a grafia dos outros bastidores — ou seja da contra-espionagem portuguesa.

Quando as circunstâncias obrigaram Portugal a intervir na conflagração, que já nesse momento interessava directamente a Europa inteira, não havia, a pesar da nossa situação excepcional de quinta potência colonial, uma polícia organizada de espionagem ou de contra-espionagem. Os nossos orçamentos, sempre asfixiados, consagravam a êsses serviços uma soma tão ridícula que seria mesmo insuficiente para pagar um só «detective» de verdade, quando na Inglaterra, na America, na Alemanha, em todos os países mereciam os maiores sacrifícios financeiros, tão grandes que só na Inglaterra custavam, anualmente, ao Estado, mais de cem milhões de libras!!! Foi com pasmo que os governos aliados verificaram que em Portugal não

havia contra-espionagem, organizando nós à pressa uma polícia especial, com sede no Quartel do Carmo, dirigida pelo falecido coronel Luis Galhardo, e outra no Ministério dos Negócios Estrangeiros, que foi chefiada por um antigo senador e oficial de Marinha.

Estas polícias de nada serviam para o fim para que tinham sido criadas, antes eram aproveitadas pelos políticos dirigentes como arma política, e assim a espionagem fazia-se entre nós às escâncaras, o que obrigou as nações aliadas a tomar providências.

## A INSTALAÇÃO EM PORTUGAL DO «INTELLIGENCE SERVICE», DE LONDRES

Assim, instalaram-se entre nós as polícias americana, francesa e inglesa, que, ao mesmo tempo que combatiam os espões inimigos, teciam a rede da sua própria espionagem, como era natural. A polícia francesa instalou-se na legação respectiva; a polícia americana instalou parte dos seus serviços no Rossio, precisamente no prédio e no andar que agora é ocupado pelas instalações do *Reporter X*, e outra parte na Rua do Alecrim; e o Governo de Sua Magestade Britânica mandou-nos uma delegação do *Intelligence Service*, com sede em Londres, no n.º 10 de Eowing-Street. O que é a formidável organização dos serviços secretos de Londres já os leitores sabem pelo que aqui tem sido publicado, assim como é conhecida a sua formidável acção em todo o mundo, garantia do domínio britânico nos cinco continentes. De resto a lição é antiga: Veneza venceu os fortes e guiou o mundo porque em vez de exércitos tinha bandos de espões. Logo que se instalou em Portugal, na Calçada do Ferregial, n.º 33, 1.º, direito, a delegação do *Intelligence Service* começou imediatamente a manobrar, e de tal maneira que imediatamente todos os serviços de espionagem e de contra-espionagem eram orientados por ela. As outras polícias, mesmo que o quisessem, nada podiam fazer sem que, pelo menos, o *Intelligence Service* do facto tivesse conhecimento. Servia-se o *I. S.* de subditos ingleses residentes no nosso país e mobilizados militarmente e dos agentes das polícias portuguesas que atrás nos referimos. Portugueses, o *I. S.* não encontrou mais de meia dúzia, se tanto, que merecessem a sua confiança. Pelo gabinete secreto da Calçada do Ferregial passou toda a vida nacional e internacional que ao nosso meio interessava. Ali se fizeram reputações e vários ídolos foram para sempre deitados a terra; por ali passou a vida íntima de muita gente, e ali se realizou a compra de indivíduos como se poderia realizar a compra de reses.

## UM AUTO DE FÉ DEPURADOR

Possuímos, entre outros *dossiers*, uma lista que nos foi oferecida e na qual surge uma série de títulos semelhantes a cabeçalhos de novelas ou cartazes de *films*. A pessoa que nos cedeu esta lista teve cinco minutos de milagrosa solidão frente a uma estante de pastas veladas... mas que estavam abertas por singular descuido (os *detectives* do *I. S.* raramente cometem imprudências). Um lápis... um papel, e, rápido, apontou os nomes que etiquetavam as pastas enfileiradas nas prateleiras. Eis os títulos e os respectivos números:

214: Abastecimento dos submarinos alemães nas costas portuguesas.

215: Libras de porcelana.

216: A espionagem alemã (célula B. R.) instalada numa fabrica de cerveja da capital.

217: As acusações e a defesa de Rosa C... como espiã.

218: Revoluções.

219: A verdadeira acção de Bolo-Pachá.

220: A compra de um banqueiro espanhol e de dois portugueses.

221: O «complot» contra a vida de Joffre, em Portugal.

222: Uma condenação à morte e sua execução, nos Açores.

223: O trabalho das espias Flora e Elisabeth.

224: As amantes de certos diplomatas.

225: A obra do general Von Shultz em Portugal.

226: A lista negra portuguesa (categoria A).

227: Os cinco incêndios alemães (?), etc., etc., etc.

Em muitos casos a acção do *Intelligence Service* fez-se sentir nitidamente. Cada um dos casos enunciados acima justifica plenamente um artigo que publicaremos em devido tempo. Mas êsse arquivo da polícia inglesa já não existe, dêle não ficou qualquer cópia. Embora muito pese aos



O coronel William Castle, um dos chefes da «I. S.» e organizador da delegação em Lisboa.

«bem informados» foi queimado num grande e purificador auto de fé, com excepção apenas alguns documentos relativos às libras de louça. Ao ser agora conhecido êsse auto de fé (já lá vão tantos anos!) ficarão finalmente tranqüilas muitas consciências amedrontadas.

Em determinada altura, a secção portuguesa teve que ser dissolvida. E os arquivos, que fazer dêles? Entregá-los a uma Repartição pública era demasiado perigoso e comprometedor para algumas pessoas que nêles tinham «ficha». Levá-los para Inglaterra? Era praticamente impossível, dada a quantidade de papel inconcebível de que se compunham. Que fazer então? Só havia um remédio: — queimar essa quantidade enorme de documentos. E assim foi feito, na refinaria que ainda hoje existe em frente ao prédio que ocupou o «I. S.»

inéditas e sensacionais

na Calçada do Ferregial, n.º 44, a Refinaria Luso-Brasileira. O sr. Alves, o dono da refinaria, ficou abismado quando viu queimar, na fornalha enorme da sua fábrica, tantas toneladas de papel, e até hoje nunca suspeitou que em sua casa se queimassem os importantes documentos secretos, os mais interessantes duma parte da história da guerra que ficará sempre por fazer.

Quantos segredos, quantas novelas reais, quantos mistérios vividos, quantas ambições ilegítimas, quantas lágrimas, beijos, sangue, angústias, não



Os detectives do «Intelligence Service» vigiavam discretamente todos os portugueses suspeitos

ficaram desfeitas num punhado de cinza!? E assim o fogo purificador aliviou tantas consciências que andavam — sabêmo-lo bem — oprimidas e ameaçadas!

Toda a gente pensava que a guerra era uma página marmorea da História. A cinematografia usurpou o papel da literatura, ressuscitando essa tragédia. Vive-se ainda hoje a consequência dessa fatalidade. A espionagem ou é mais lama do que a lama — ou é mais heroica do que a valentia dos *poilus* mais valentes. A espionagem é uma das armas mais importantes da guerra. A espionagem em Portugal foi a única que ficou por historiar. A França, a Alemanha, a Inglaterra, a Austria, a Itália, já fizeram essa justiça, separando os bandalhos dos heróis. As cinzas dos *dossiers* do *Intelligence Service* devem falar para fazer a mesma justiça. Houve um idiota provinciano que uma vez protestou contra uma afirmação feita nestas colunas, com esta frase imbecil: «Traidores portugueses! Nunca os houve.» Esse analfabeto, porque o é, nunca leu os *Lusiadas*... Que o leia — e aprenderá através do génio épico esta lição: «Que o amor pela pátria é igual ao amor pelas mulheres.» Ser cego até ao extremo de lhes perdoar as... faltas merece o título mais vexatório com que se pode etiquetar um patriota nas mesmas condições...

COSTA JUNIOR



EM 29 de Janeiro último o papel químico dos informadores necrológicos transmitia a alguns jornais do Porto e Lisboa, na sua banalidade «química» como o papel, a seguinte notícia: «Menina Maria Augusta Sampaio Morgado. Contando apenas doze anos de idade faleceu ontem a filha do nosso amigo sr. Raimundo Sampaio Morgado, oficial da marinha mercante. O enterro realiza-se, etc.»

O leitor, se por acaso fez roçar a vista por estas linhas pensou, se elas lhe mereceram êsse gasto de encéfalo, o que nós teríamos pensado, se por acaso nos sucedesse qualquer das duas hipóteses: «Mas uma cifra para a trágica estatística da mortalidade infantil em Portugal, orgia de enterites, bronquites, sífilis e tuberculoses...» E contudo, desta vez não foi nenhuma dessas enfermidades a fornecedora do pequenino cadáver de Maria Augusta Sampaio Morgado para a gula da Morte. Outra foi a gula que a devorou... A pobre criança foi vítima das garras e da dentuça ferozes de um tigre! Sim, leitores! Por muito inverosímil que nos pareça a notícia, ela é verdadeira. Não o suspeitaram os diários, ao linotiparem a necrologia, porque duas colunas pelo menos lhe teriam dedicado em vez das estreitas linhas em que a comprimiram. E compreende-se bem a razão porque se ocultou o segredo dessa morte que só agora os nossos reporteres desvendaram...

Em 1928 percorreram o país duas *ménageries* de feras domesticadas. Uma era a de Ivanoff, outra a de Gianovi, um, francês com pseudônimo russo, outro, russo com apelido italiano. Estiveram no Coliseu dos Recreios de Lisboa, no Passos Manuel e no Palácio de Cristal, do Porto, e percorreram todas as feiras do norte a sul. Ivanoff foi infeliz de corpo e de cofre: um dos irmãos ficou-lhe estripado, em Matosinhos, vítima da fúria duma leão, e os *camions* e a bicharia empenhados na alfândega. Gianovi embarcou para o Brasil com novas colecções de feras compradas em Hamburgo, levando a carteira bem recheada. Eram ambos pitorescos, bons cavaqueadores, e com ambos me relacionei, na cubiça de material para os meus *dossiers*. Uma noite, nos jardins do Passos Manuel do Porto, houve uma conferência entre os dois domesticadores, após o espectáculo, conferência sobre uma hipotética aliança nos negócios, e, detalhe curioso, fui eu quem os apresentou. Eles tinham-se guereado, mas não se conheciam.

O verdadeiro domador de feras não é, habitualmente, um arrivista dessa fauna especial dos artistas de circo. A arte de dominar leões, tigres, leopardos, está dividida em verdadeiras dinastias. Ivanoff, por exemplo, é filho, neto e sobrinho de domadores. Os seus irmãos são-no também, e o seu herdeiro já se ensaia para o mesmo ofício. O avô de Ivanoff morreu, em Orleans, degolado por uma dentada de tigre. O pai está inválido há vinte anos, em consequência de uma revolta de feras, dentro da jaula. O irmão mais velho — como já disse — pouco tempo resistiu ao ataque duma leão que sofreu em Matosinhos... Trabalhar com feras não é uma brincadeira de crianças. Deixem falar os fantasistas que propagam que são os domado-

res quem obriga os animais a falsas e espectaculosas fúrias ou que os bichos são amolecidos com narcóticos, antes do trabalho. Se é assim tão fácil, porque não o experimentam êles?

É relativamente recente a arte de exhibir feras domesticadas. Data de há um século apenas. O primeiro exhibidor de animais ferozes em *ménageries* foi um alemão, Hauppogord, logo imitado por um francês que se instalou com a sua barraca em Paris, no Bd. du Temple: Jacques Legrand; mas tanto um como outro limitavam-se a mostrar as suas colecções zoológicas, a tanto por cabeça, sem se arriscarem a penetrar nas jaulas. O iniciador dêsse heroico trabalho foi um jovem acrobata cujo nome esqueci, que namorava a filha de Legrand, ás ocultas, de noite e junto à jaula dos leões. Êstes, uma madrugada, alarmaram-se com



o intruso, fazendo tão escandaloso ruído que os namorados tiveram medo que Legrand despertasse. Foi então que o acrobata, preferindo a cólera da fera à do futuro sogro, se armou de um espêto e, invadindo a jaula, se impôs aos animais. O exhibidor surpreendeu-o neste risco e em vez de se zangar, contratou-o. Isso passou-se, segundo afirma Jean Lecoq, em 1825 — há cento e tal anos...

Dêsde então os domadores têm-se multiplicado mas não são tão abundantes como os outros artistas. Nem admira! A média de desastres anuais é de vinte e trinta sobre um total de três centenas de domadores que percorrem o mundo, e dêsses desastres, um terço são fatais...

Ivanoff era uma estranha personagem. Não sabia ler nem escrever; amava a família — a esposa, os filhos, os irmãos, com uma ternura infantil; amava os animais com uma ternura igual — vigiava-os, adivinhava-lhes a sede, o menor mal estar, o menor sintoma de enfermidade. Contudo, se amava a família e as feras, como se de família fôsse também, com aquela era humilde, obedecia aos caprichos da mulher, resignava-se ao mau génio dos irmãos — como um fraco, mas com os animais, não, era enérgico, violento.

(Conclui na pag. 15)

# O CADEADO MALDITO

CONTA-SE o seguinte episódio, que, creio eu, chegou a ser insinuado, na época, em certa gazeta portuense — o «Jornal de Notícias»... Nos finais de 1925, um vapor que vinha das colónias portuguesas com rumo a Lisboa tocou num porto da África francesa — em Dakar, parece-me — desembarcando um grupo de passageiros. Pertencia a esse grupo um jovem compatriota nosso, de precoce e elevada importância social, magro, alto, olhos negros, vivos, duma liberalidade nos gastos e nas gentilezas que, roçando pelo esbanjamento, atraía grande número de relações e lisonjas. Dirigiram-se os viajantes a um bairro pitoresco e de intenso comércio e deixando-se seduzir pelo estendal de bugigangas bizarras de certa loja — nela entraram dispostos a afogarem-se com recordações pitorescas... O dono da baluca era um assírio, moreno como um cigano, com brinco num só ouvido, pantufas persas e rosto mefistofélico, pontegudado por uma barbicha satânica... Entre o jovem lusitano e o assírio falcou uma disputa, de fútil pretexto... Mas logo o bricabraquistista, num cínico servilismo, se humilhou em salamaleques e desculpas, até que, já à saída dos fregueses, chamou de parte o nosso compatriota e ofereceu-lhe, como brinde, um cadeado de ferro, velho e precioso como uma joia. — «O sr. é português não é verdade? — indagou o comerciante. — Leve isto... Tem muito valor... muito. (E monossilabando intencionalmente as palavras, acrescentou): Também é português. Veja... Examine-o bem... Custa uma bagatela. Mas se não quiser pagar — leve-o do mesmo modo... Ofereço-lho...»

O companheiro mais íntimo desse jovem — um estrangeiro magro e de poucas palavras — cochichou-lhe ao ouvido que deixasse o cadeado. O outro jovem, obedecendo aos conselhos do logista, observou-o de perto e viu, com espanto, riscada no próprio ferro e em caracteres antigos o seguinte: «Sebastião Rex + Fatalitas» e, apesar da teimosa aversão do camarada estrangeiro, não abandonou o cadeado...

«Não sei porquê — ouviram a bordo o estrangeiro dizer ao outro —, mas palpita-me que essa bugiganga te vai trazer sérios azares...»  
Esse jovem era Alves dos Reis e o seu companheiro chamava-se Hennes. Poucas horas depois era avisado telegraficamente de que a polícia descobrira as notas duplicadas. Poucos dias depois, ao chegar ao Tejo, era preso...

## O DESAPARECIMENTO DO MUSEU CAMILIANO

Este episódio, que correu com frequência no auge do escândalo e que, creio, foi já insinuado, sem detalhes, por um jornal do Porto, chegou até mim através da confidência duma testemunha: o sr. Horácio Sales, viajante português duma importante casa de vinhos de Gaia e companheiro de viagem de Alves Reis. Mas não era a primeira vez que eu ouvia falar nesse cadeado... A minha memória regista uma recordação infantil de 1906 — ano esse em que meu pai a ele se referiu.



A loja era dum assírio com cara de cigano...

Quem examinar o primitivo catálogo do Museu Camiliano, instalado em S. Miguel de Seide, verá também a indicação de um «cadeado antigo com o nome do vencido de Alcazer-Kebir e a palavra latina «Fatalitas», riscados no próprio ferro... Mas se o procurar nas vitrines, no lugar que lhe competia pela ordem numérica do registo — encontrará apenas a etiqueta e não o cadeado. Este desapareceu. Na segunda visita que fiz ao Museu Camiliano, interrogué a tal respeito essa linda velhinha de olhos azuis e infantis que é a nora do grande romancista. Disse-me: «Muita gente me perguntou já pelo cadeado. Desapareceu-nos misteriosamente, pouco depois da organização do Museu, e houve quem acusasse... — eu não quero caluniar — quem acusasse do furto um sujeito que nos visitou nessa ocasião...» Curioso e não conseguindo obter mais esclarecimentos da discreta e simpática velhinha dos olhos azuis — abordei pessoas íntimas da casa e creio que foi o meu grande amigo Jaime Dias, filho do glorioso actor Dias, do Porto, quem, meses depois, em casa de Augusto Cruz, me informou:

«Também eu ouvi falar na história do cadeado mas ela é tão inverosímil... Contado as aparências condenam de facto o F. de S., que esteve no Museu, logo no início e pouco antes de se dar pela falta desse objecto...  
— E quem é F. de S.?  
— Um consul estrangeiro que se suicidou no Porto...»

Recordei-me desse suicídio, notável pelo sentido de sacrifício nipónico que ele encerrava — e recordei sobretudo o episódio que levava aquele cadeado às mãos de Camilo Castelo Branco. No primeiro volume das suas «Memórias de cárcere» e, se não estou em erro, nas «Noites de insonnia», o génio trágico de Camilo evoca essa outra trágica figura que é a de José do Telhado, o bandido célebre, seu companheiro de infortúnio na «Relação» do Porto. José do Telhado salvou a cabeça graças, em parte, à «morbidia compaixão» que soube inspirar a Camilo e às influências que este agitou em seu favor. José do Telhado, como herói de banditismo romântico, era grato... Nunca esqueceu o seu protector e Camilo fala de uma carta que dele recebeu dizendo que, na sua pobreza, tivera a sorte de encontrar um objecto de muito valor para um historiador e que o confiara a alguém para que o levasse a S. Miguel de Seide. Ignoro quem foi esse portador. Sei apenas que rodaram muitos anos antes que Camilo recebesse essa prova de reconhecimento de José do Telhado — visto que o cadeado só lhe foi entregue «quando — escreve Camilo — aos meus olhos falta a luz bastante para distinguir se há traçaça na ferrugem do nome do loiro e louco soberano.» O «cadeado maldito» chegou, pois, a Camilo nas vésperas da cegueira...

## A CHAVE DO CADEADO MALDITO

Existe um período de alguns anos durante o qual o cadeado se separou da herança de Camilo. O filho do romancista confiou-o a um amador de investigações históricas, residente em Santo Tirso, o dr. Manuel Rodrigues de Abreu, que ao ser nomeado juiz em Angola, partiu, levando-o, por esquecimento, no fundo de uma mala, de mistura

com códigos e camisas. Não foi feliz o dr. Manuel Rodrigues de Abreu... Apaixonando-se, em idade senil, por uma vamp de aventura, abdicou da sua integridade de magistrado a tal extremo que foi expulso da magistratura, morrendo na mais ignominiosa das misérias. Meu pai, que viveu muitos anos em Benguela, conheceu um filho desse infeliz, alcoólico impenitente e cruel por tara. Inquisitoriava os negros com tais requintes de perversidade que estes, revoltando-se, o lincharam. Então — deta-



«Pulga» tivera na véspera uma discussão com o cumplice por causa dum objecto roubado

lhe curioso — sendo ele valente e estando disposto a defrontar-se com os rebeldes, correu a armar-se e a armar os brancos seus companheiros de roça, mal recebeu o alarme da conjura do pessoal indígena. Distribuiu pistolas de bom calibre e, ao procurar os cartuchos, lembrou-se de que os tinha fechado numa arca antiga, à qual aplicara, como medida de segurança, o cadeado herdado do pai... Procurou a chave por toda a parte, e não a encontrou; e foi em consequência desse precalço que não pôde defender-se, sofrendo a mais horrível das mortes. Recorto de uma velha carta que meu pai dirigira à família em 1906 (felizmente que sou coleccionador de epistolas e as releio com frequência...) o seguinte trecho: «Quando chegámos à roça de S. Tomás, o sargento que nos acompanhava vasculhou as roupas ensanguentadas do Carlos Rodrigues de Abreu (era este o nome do filho do juiz), encontrando num bolso um envelope... contendo a chave do cadeado e a seguinte recomendação manuscrita: «Rogo que após a minha morte devolva aos herdeiros de Camilo Castelo Branco o cadeado a que pertence a chave que está neste sobrescrito.» Que nervosismo não seria o seu ou que fatalidade a sua para que, procurando a chave por toda a parte, não se recordasse de que estava na sua própria algibeira.»

Meu pai nunca mais se referiu a tal tragédia, mas o facto do cadeado ter regressado à família de Camilo Castelo Branco prova que alguém cum-

priu a vontade do filho do juiz, que já o recebera do pai com essa determinação...

## A LISTA DAS FATALIDADES

Antes de prosseguir, vamos ordenar, um pouco, as datas já citadas e referentes ao cadeado maldito. E' José do Telhado quem o descobre. Ao desfazer-se dele, com boa intenção, o seu infortúnio de degradado suavisa-se, e em compensação Camilo, ao recebê-lo, anos depois — final do século XIV — cega e suicida-se. Ignoro quem foi o seu portador nem que catástrofes, bafejadas pela magia diabólica desse pedaço de ferro, o teriam obrigado a retardar tanto o cumprimento da sua missão. O filho de Camilo guarda-o, sofre o calvário que todos conhecem, e passa-o a um amigo, o dr. Rodrigues de Abreu. Isso nos princípios do século XX. O dr. Rodrigues de Abreu descastela ignominiosamente a sua existência e morre afogado num lodaçal. O filho, novo guardião do cadeado, heróica em 1906 a tragédia que relatei, e ao voltar para a família Castelo Branco, esta começa a conhecer os frutos amargos da ingratitude do país, cujas letras o génio de Camilo glorificou para sempre. Um dia, já no fim da guerra, um estrangeiro rico e de destaque social, movido sabe-se lá porque misterioso instinto ou porque fatal destino, escamoteia esse cadeado. Pouco depois suicida-se. Aqui há um interregno na história do cadeado maldito, que só reaparece, em 1925, nas mãos de um vendilhão assírio de Dakar, que insiste para que um jovem, que regressava duma viagem triunfal de negócios e que parecia destinado a um futuro apoteótico, o adquira... O jovem recebe-o e entra pouco depois numa penitenciária, de onde só saiu para ser condenado... à pena máxima.

Sobre as três lacunas da história do cadeado — a que oculta o destino e a demora do enviado especial de José do Telhado, a que separa o suicídio do consul estrangeiro do seu aparecimento em Dakar, e a que data da prisão de Alves dos Reis até hoje — poucas informações posso. Mas essas não devo silenciá-las... Et-las.

## O COMPANHEIRO DE JOSÉ DO TELHADO

Foi companheiro de José do Telhado em África, segundo afirmam os cronistas do romântico bandido, um portuense de nome Alvaro Bastos, condenado ao degredo por falsificar moedas de cobre (como eram modestos os falsificadores do século XIX...). O bom comportamento de Alvaro Bastos e a simpatia de uma creada de certo funcionário transformou o infortúnio do moedeiro falso numa risonha e continua prosperidade. Enriqueceu no degredo, casou com a sua protectora e conseguiu libertar-se do sol africano, a menos de metade da pena. Sabe-se que Alvaro Bastos, ao despedir-se do seu companheiro favorito, foi comissionado pelo José do Telhado com vários pedidos... Tudo nos leva a crer que foi a ele que o protegido de Camilo comprou o cadeado, julgando-o de grande valia para os estudos do seu protector. Em 1927, quando freqüente esse labirinto affitivo e encardido da miséria portuense que é o Barredo, com o fito de colher material para um

folhetim que depois publiquei no *Juneiro* — *As sombras do Barredo* —, conheci, numa das ruelas mais estragadas desse bairro, um descendente de Antonio Bastos, um pobre velho escaveirado e vítima da podridão do Barredo, conhecedor de todas as suas histórias dos últimos 50 anos. Convidava-o a vir beber uma caneca de verde numa taberna vizinha, e puchava-lhe pela língua, curioso dos episódios que ele me contava. Uma noite confidenciou-me a tragédia do seu avô paterno, nascido e falecido no Barredo.

— A gente mōça não crê em certas coisas, mas olhe que o que se passou com o meu avô é para a gente se benzer e nunca mais se rir das crendices



O companheiro do jovem estrangeiro aconselhou-o a não ficar com o cadeado

dos velhos. O meu avô — como já lhe disse — foi muito feliz na sua desgraça até receber a liberdade... Depois, tudo mudou. A mulher morreu-lhe a bordo e foi para os peixinhos. O navio esteve prestes a naufragar. Ao desembarcar em Lisboa roubaram-lhe a carteira com quasi todo o pecúlio que ganhara trabalhando por sua conta lá nas Afriças, que o governador não só lhe dava licença para isso como até o ajudava nos negócios. Uma noite, ao sair de casa duns parentes, caiu da escada a baixo, parte uma perna e esteve entre cá e lá, dois meses, no hospital. Com o pouco que lhe restava meteu-se a mercadejar nas feiras com um sócio que arranjou; mas o sócio, que era vigarista, meteu-o numa tramaia sem ele dar por isso e foram ambos parar à cadeia sendo o meu avô condenado a cinco anos e estando inocente. Ao sair da cadeia disse para meu pai: «O Rafael... Está-me cá a parecer que todas as desgraças que me sucedem desde que saí de Africa vêm de uma maldita lembrança que um companheiro meu me confiou para entregar a um senhor que vive para as bandas de Famalicão, o que eu ainda não tive tempo de cumprir. A manhã mesmo, parto à procura do destinatário e se não o encontrar atiro com o objecto ao rio!» Não sei se meu avô chegou a entregá-lo — o que sei é que depois disso a vida começou a correr-lhe bem...

Não sabia o neto de Alvaro Bastos de que objecto se tratava, nem o nome do destinatário, nem sequer o nome do companheiro do avô... Mas os factos ligam-se e os cronistas de José do Telhado falam de Alvaro Bastos. Pouco depois do suicídio do tal estrangeiro —

drama de que certa zona social do Porto deve recordar-se ainda — a viuva necessitou ausentar-se, por uma noite, da sua residência, acompanhada de filhos e creados. Durante essa ausência — que foi de sábado para domingo — os gatunos assaltaram-lhe a casa. Recordando esse *fait-divers* porque memória não falta, graça aos santos protectores dos jornalistas, fui à Biblioteca consultar as gazetas portuenses da época. Encontrei numa notícia do *Comercio* os seguintes detalhes: «A polícia está convencida de que o roubo foi praticado por uma quadrilha de estrangeiros que tem operado ultimamente no Porto e que já esteve manobrando em Lisboa, no ano passado. A técnica desse bando é das mais modernas, visto que, não se desfazendo nunca dos objectos roubados no mesmo país em que agiram e varlando o mais possível de terra, não deixam vestígios nem dão tempo a que se crie uma pista.» E mais adiante: «Além de todo o dinheiro que estava no cofre, que atingia a quantia de doze mil escudos, duas mil pesetas e perto de cinco mil francos suíços, os gatunos despejaram as vitrines onde o falecido dr. F. S. colleccionava um *bric-à-brac* de objectos antigos cujo valor, mais estimativo do que real, não foi fixado ainda.»

Estaria nesse *bric-à-brac* o cadeado desaparecido do Museu Camiliano?

Ora bem... Há pouco tempo, um dos semanários parisienses que se dedicam ao jornalismo policial publicou as memórias dum inspector francês. Reproduz dessas memórias o seguinte trecho: «Um dos episódios mais emocionantes da minha vida de detective e que foi o penúltimo da minha carreira refere-se ao célebre gatuno internacional Jean Ribeau ou Jacques Ribeau ou Jacques Hautville, conhecido pelo *sobriquet* de «Ponce» — (o «Pulga») —. Ponce, que tem chefiado várias quadrilhas, foi o mais hábil gatuno que conheci; tão habil que tendo manobrado durante mais de vinte anos, praticado centenas de roubos e assaltos, nunca tinha sido julgado. A sua técnica consistia em nunca vender os objectos roubados no país onde os roubava, mudando com frequência de terra. Há muito que ouvia falar do Ponce e julgava-o retirado de negócios — como estava de facto. Contudo eu acalentava a velha pretensão de não me reformar sem lhe deitar a mão. Uma noite, no ano de 1924, recebi a denuncia de que ele estava instalado no Hotel de Amsterdam, na Rua Lhomond. Ajudado por dois agentes invadi-lhe o quarto e algemei-o. Foi tão grande a sua surpresa que nem resistiu. Ele julgava-se para sempre livre de ameaças. Ao ser interrogado — confessou-me: — «Há muitos meses que ando apreensivo, nervoso. A minha última proeza foi no Porto (Portugal) e desde então tudo me correu desastrosamente. Resolvi abandonar o trabalho e despedir os meus colaboradores. Ainda ontem à noite tive uma discussão com um deles porque me exigiu um objecto pelo qual tem especial capricho. E eu tão tólo que o neguei. Quem sabe se não era esse objecto o meu *porte-malheur*. Tenho a certeza de que foi ele quem me denunciou.»

Eu não faço comentários...

## A ÚLTIMA MAGIA TRÁGICA

Se de facto foi o Ponce o ladrão do cadeado maldito — como aparece esse cadeado um ano depois nas mãos do assírio de Dakar? Não sei. Mas... um último episódio...

Há pouco tempo, a uma mesa do Parque Mayer frente ao Teatro de Variedades, falou-se de Alves Reis e do Angola e Metropole, e quem falava dizia: — «Alves Reis, pode ser o que quiserem. Para mim foi sempre uma pessoa correcta e grata. E note-se: sou dos poucos que nunca o bajularam na época de prosperidade. O único que recebi dele, como recordação da minha lealdade de amigo, foi um velho cadeado histórico que ele comprou em Africa...»

Naquela mesma madrugada, a pessoa que assim defendia Alves Reis e que era meu conhecido não só dos «clubs» para onde a sua neurastenia o arrastava mas também da boa sociedade lisboeta — metia uma bala no crânio, sentado a um banco da Avenida da Liberdade.

# Os Mistérios da Semana

O segredo de Landru — Onde estão as noivas do «Barba Azul»? — O homem que passeava de noite, pelos cemitérios — O sequestrado de Bruxelas — Uma casa sinistra — Os catorze cadáveres dos mártires montenegrinos, frente ao tribunal — A tirania trágica do novo Scarpia

*Está nos planos de evolução do «Reporter X» o dedicarmos, em todos os números, uma ou duas páginas ao maior mistério da semana. Como, porém, este jornal não é órgão exclusivo dos folhetins da vida real mas sim de todas as grandes reportagens, seja qual for o assunto, seja qual for o terreno em que ele se desenvolver, e como vivemos numa permanente dispnea de espaço — não nos foi possível ainda manter essa secção. E precisamente esta semana, em que teimávamos publicá-la, um novo atrito surgiu: a pasta onde reuníamos os mistérios da semana para escolhermos um — o maior — hipertrofiou-se por tal forma com tantos assuntos, gêmeos no interesse e na emoção, que se tornava angustiada a escolha. Resolvemos então aproveitá-los todos, sacrificando detalhes e desenvolvimentos em favor da variedade; e lendo-os a todos, e tendo em conta que todos eles couberam dentro da estreiteza dos últimos sete dias fica-se com a impressão que o Destino e a Vida são novelistas muito mais imaginativos e empolgantes que a maioria dos profissionais das letras.*

## O SEGRÊDO DE LANDRU

O enigma macabro de Landru, o célebre Tenório barbudo, o famoso homem das cem noivas, volta a referir na imprensa francesa. Como deve estar ainda na memória de toda



A «vila» de Gambais onde desapareciam as noivas de Landru.

a gente, o que mais intriga nesses mistérios, o que faz com que muitos admitam a hipótese de que o «Barba-Azul» de Gambais tenha sido guilhotinado inocente, é o facto de não ter sido nunca encontrado um vestígio sequer do cadáver de uma das suas múltiplas noivas. A polícia apurou os nomes das vítimas, os dias e as horas em que ele as conheceu, em que as seduziu, em que as levou pela última vez para a sinistra «vila» de Gambais, provou que elas depois de entrarem já não tornaram a sair, mas não conseguiu apresentar à justiça um só cadáver dos muitos cadáveres de que Landru era acusado. Era este o grande segredo que Landru levou para o outro mundo... Pois bem:

surge agora um reporter — Kessel — que afirma o seguinte...: Kessel tem um amigo que perdeu o filho no front e que, alucinado pela dor, vagueava de noite pelos improvisados cemitérios da guerra. Numa dessas noites, deambulando por um desses cemitérios, precisamente a poucos quilómetros de Gambais, notou os faróis semi-velados de uma camionette que parou na vizinhança. Dessa camionette apeou-se um homem ajoujado com um fardo e que, encaminhando-se para o centro do cemitério, esteve cavando durante algum tempo e que ao regressar ao carro vinha já sem o fardo. Havia luar, mas apesar disso a testemunha apenas se apercebeu de que o misterioso indivíduo usava barbas. O amigo de Kessel é nada menos do que o dr. Roubeaux, célebre clínico, que caiu gravemente doente por ocasião do escândalo de Landru e só há pouco tempo regressou à vida... Será esta a decifração do enigma? Conduziria Landru as suas vítimas na sua camionette aos vizinhos cemitérios de guerra e confiaria ao segredo e à confusão dos covais dos poilus sacrificados os cadáveres das noivas? Se assim é, o truc é genial e bem tranquillo podia estar porque a polícia buscaria os cadáveres em toda a parte... menos num cemitério.

## O SEQUESTRADO DE BRUXELAS

O povo belga vive desde o dia 15 sob uma intensa perturbação nervosa. Povo tranquilo e pacato — raro é que a sua existência sofra de desequilíbrios notáveis. Mas desta vez razão tem para se impressionar. Existe na Rua Montagne de la Cour, em Bruxelas, um velho palacete que pertenceu no século passado a uma família fidalga e que de 1880 a 1892 esteve desabitado, sendo vendido nesse ano a um comerciante que nele se suicidou. A família tomou aversão à casa, abandonou-a e com muita dificuldade conseguiu vendê-la, em 1900, a um rico holandês que só vinha passar a Bruxelas dois meses por ano. O holandês faleceu e a viúva tornou a vender a casa, que tem pertencido, sucessivamente, a um comerciante belga, a um médico estrangeiro, a um agricultor colonial, a uma família de Liège que se mudou para a capital, etc., etc.. Todos os proprietários pouco tempo nela habitavam — criando a casa má fama na vizinhança. Durante a guerra esteve ali instalada uma repartição qualquer dos ocupantes. O último dono foi um coronel do exército belga, amigo pessoal do Rei Alberto, que, tendo morrido poucos meses depois de a comprar, nunca chegou a ocupá-la. Desde 1924 que a fatídica casa da Rua Montagne de la Cour estava abandonada — até que, em Dezembro último, apareceram dois irmãos bulgaros, Stavo e Yvan Braverine, filhos dum rico banqueiro de Sofia, que vindo estudar para Bruxelas, com uma quantiosa pensão paterna, resolveram alugá-la. No dia 15, Stavo, o mais velho, entrou, pálido como um morto, no Commissariado de polícia da vizinha Rua Royal e contou o seguinte: «Existe no primeiro andar uma sala, onde ele e o irmão fizeram gabinete de trabalho, que possui uma porta impraticável. O representante do senhorio, ao mostrar-lhes a casa, dissera-lhes que aquêle, ao comprá-la, tinha perguntado ao dono de então para onde dava aquela porta e que tão pouco obtivera resposta. Parecia, pelo espaço calculado entre essa porta e a parede do prédio, que ela dava para um pequeno cubículo; e como

estava bem trancada e nunca houvera chave que a abrisse, os vários senhorios não se haviam importado. Tão pouco os dois estudantes, ao escutarem esta explicação, se importaram. Mas logo na primeira noite tiveram a impressão de uns passos cautelosos do lado de lá da porta. Contudo, como eram dois, riram-se e não deram crédito aos seus próprios ouvidos.

Naquela noite de 14 para 15, o mais velho, fi-



A porta abriu-se e surgiu uma cabeça de louco...

cando sózinho em casa, para estudar, tornou a ouvir os mesmos passos, desta vez mais sonoros, nítidos e próximos da porta. Emocionado, fixara os olhos na porta — surgindo um rosto alítilvo de velho — de olhos esgazeados, barba de mendigo, fato esfarrapado e sujo, pés descalços. O pobre moço alarmado e cheio de medo, correria a bom correr a vir avisar a polícia. O comissário julgou ao princípio tratar-se de uma visão histórica. Mas ao chegar à casa da Rua Montagne de la Cour encontrou o velho, tal como ele o descrevera, passando pela sala. Interrogado não respondeu a nenhuma pergunta, rindo-se alvar e papalivamente. Examinado pelos médicos estes garantiram tratar-se de facto de um paranoico e que o desgraçado, perdera o uso da fala. A misteriosa porta por onde ele surgira estava aberta. A polícia descobriu então uma escada que conduzia a um subterrâneo. Nesse subterrâneo, cujo solo se atapejava de sujidade de muitos anos, havia um respeitável «stock» de latas de conserva e de bolacha, esta duríssima, e uma torneira ligada a um cano de água. Trata-se, insofismavelmente, dum sequestro praticado de forma audaz e pouco usual. Mas quem será o desgraçado? Há quantos anos estava ele prisioneiro? Qual das famílias que passaram por aquela casa será a autora do sequestro? Que tragédia se anichará neste mistério? Será ele decifrado algum dia? A polícia belga investiga...

## OS 14 MÁRTIRES MONTENEGRINOS

Se nalgum ponto da terra existe ainda uma tirania cruel e medieval — esse ponto é a Servia. As ambições e as intrigas da actual dinastia esca-

(Conclui na pag. 14)



# Um museu de fantasmas



QUANDO, em 1925, entrevistei em Paris o criador de «Sherlock Holmes», o célebre romancista inglês Conan Doyle, prometi-lhe, logo que fôsse a Londres, visitar o seu famoso Museu de Fantasmas. Como se sabe, Conan Doyle era um espirita entusiástico. A morte de um filho levou-o a dedicar-se às sciências ocultas e nos últimos anos gastava o melhor da sua actividade em estudos e experiências de teosofia. A sua própria literatura se desviou nesse sentido, criando um público que a comprava, apaixonadamente. Fôsse porque Conan Doyle não se pudesse libertar da sua poderosa imaginação, fôsse porque de facto a sorte o favorecesse, facto é que os mais estranhos e impressionantes episódios de espiritismo foram revelados por ele. Em 1924 começou a organizar o famoso museu de que me falara em Paris. Infelizmente, quando cheguei a Londres já o empolgante autor inglês tinha falecido. Sua esposa, ao ser entrevistada pelos jornalistas no proprio dia do enterro do

desconhecido cu, o nome não estava nos registos do hotel.

Uma das salas mais curiosas do museu e a da coleção fotografica das aparições.

—E' já possível fotografarem-se fantasmas? — perguntei surpreendido.

— Pois decerto. Depende do grau de sensibilidade dos *mediuns*. Veja, por exemplo, estas três fotografias que correspondem a três sessões seguidas em que nos apareceu o célebre compositor Talbot. Na primeira nota-se a surpresa do proprio fotografado; na segunda, ele, compreendendo que está sendo fotografado, oferece-se melhor à objectiva; na terceira... trouxe consigo essa donzela, que ignoramos quem seja, mas que se deixou também fotografar. Só depois, pela fotografia, é que nós soubemos que ela o acompanhava nas sessões.

mentos fotográficos de experiências sensacionais. No centro dessas salas enfileiram-se mesas e *vitrines* expondo recordações e material de estudo dos mais célebres teósofos. Confesso que, por muito distanciado que se esteja dos segredos do espiritismo, não se consegue contemplar, de ânimo leve, os objectos expostos naquêlê museu fantástico. Entrei, curioso; e a meio da visita sentia os nervos dedilhados; e ao sair, a cabeça andava-me à roda e a ideia de recolher ao meu quarto de hotel assustava-me infantilmente. E' impossível comprimir nestas colunas tudo o que vi e o que ouvi. Evocarêi apenas os episódios mais simbólicos dos muitos que me foram relatados. De entre estes destaca-se, sem dúvida, a impressionante aventura de Lord Derby.

\* \* \*

—Veja primeiro estes documentos— disse-me o meu gentil *cicerone* mostrando-me quatro quadros. —No primeiro está a fotografia do castelo dos Lords Derby, na Escocia; no segundo a reconstrução do misterioso individuo que Lord Derby viu numa madrugada nesse pátio e que ele desenhou de memoria para mostrar ao irmão e aos creados para vêr se eles o reconheciam (está datado de 1882). O terceiro é a noticia cortada de um jornal francês em que se relata o desastre do ascensor do Grande Hotel de Paris, sucedido em 1901; no quarto a fotografia do cadáver, vítima deste desastre, cujo nome não se conseguiu apurar, mas cujo rosto, como é bem evidente, corresponde ao desenho que Lord Derby fez tantos anos antes. E agora que viu os documentos conto-lhe o episodio. Lord Derby estava então no começo da sua carreira diplomática e viera passar uns dias ao seu castelo. Uma madrugada, não podendo dormir, veio debruçar-se à janela do seu quarto, que abria sobre aquêlê pátio interior cuja «foto» está ali. No castelo, fechado a sete chaves, viviam apenas o irmão mais novo do Lord, dois creados e uma creada. Súbitamente o Lord ouviu uns passos, vindo a seguir atravessar o pátio um desconhecido que levava à cabeça um caixão para defuntos. Deu alarme; reuniram-se todos os habitantes do castelo, vasculharam-se as salas e subterrâneos sem se encontrar vestígios do desconhecido. Foi então que Lord Derby, cujo talento de retratista era notável, desenhou o rosto do desconhecido mostrando ao irmão e aos creados. Nenhum deles se havia cruzado até então com aquêlê homem. Passam-se vinte anos. Lord Derby, no apogeu da sua carreira, foi nomeado embaixador em Paris e instala-se no Grand Hotel. Uma noite, após o jantar, dirige-se ao ascensor. No momento em que ia a entrar, viu lá dentro a cabine, fitando-o esgazeadamente, o misterioso *homem do caixão*. Recuou e não quis subir. O ascensor, ao chegar ao segundo andar, quebrou o cabo e veio esmigalhar-se cá em baixo, arrastando todas as pessoas que iam dentro. Entre os mortos—estava o misterioso



A fotografia de duas aparições a do compositor Talbot e duma jovem desconhecida

marido (que ela acompanhou à ultima morada vestida como se fôsse para uma festa), declarou: —«Não consinto que ninguém me dê os pésames. Despedi-me de meu marido sorrindo-me como ele se sorria — felizes ambos porque temos a certeza que ele foi para um mundo melhor do que este. Nem sequer a saúde da separação nos affligia porque nós podemos e sabemos comunicar um com o outro, todos os dias; como quando ele era vivo. Já esta manhã estive conversando com Artur a propósito do seu enterro»...

O Museu de Espiritismo de Conan Doyle continua aberto ao público. Está instalado no centro de Londres numa rua discreta e silenciosa que atravessa milagrosamente o bulício da Regent Street. Fui recebido por um dos seus colaboradores — e continuadores — Mr. Charles Fairchire. São cinco salas cujas paredes estão lorradas de alto a baixo por docu-



O mais estranho documento do Museu dos Fantasmas. A queda lenta de um 5.º andar, de um «medium» inglês

Mas, de todas as provas fotográficas, a que mais tem impressionado os incrédulos é esta...

A fotografia representava um prédio e um corpo horizontal dum rapaz cujos pés estavam ainda saindo duma janela do último andar. —Esta experiência foi presenciada por mim. O jovem que aí vê e que é um *medium* saiu nessa posição horizontal pela janela, veio descendo vagarosamente até ao jardim, onde ficou estendido ao comprido, sem a menor blescadura.

De facto, quem visitar o Museu dos Fantasmas fica com a convicção de que aquêlê telefone de que Edison nos falou para comunicar com os mortos será, em breve prazo, uma realidade [tão banal como o telefone automático.

Londres—Dezembro 1930.

R. X.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# Desvenda-se o mistério da morte de Oscar Wilde

Dupoirier, o hoteleiro que acolheu o grande literato inglês nos últimos anos da sua existência, faz revelações interessantíssimas ao «Reporter X» — O temperamento de Wilde — As suas rebeldias ante a aristocracia britânica — Cinco garrafas de «cognac» por semana — O pequeno grande almoço — A conversão ao catolicismo — A cegueira — Os últimos momentos — Funeral de sexta classe — A dentadura postiça

UMA noite, vieram dizer-me: «Em um hotel da Rua das Belas Artes, número 4, está um cavaheiro que quer ser seu hospede a partir de hoje. E' preciso ir buscar a sua bagagem.» Fui ao local indicado. Deparei com um homem que me disse chamar-se Sebastião Melmoth. Era um tipo de inglês, alto e gordo, proporcionado. Devia pesar uns cem quilos bem pesados. «Peguei nas duas malas, uma das quais, em couro amarelo, ainda conservo em meu poder, marcada com as iniciais S. M.,

e de imprevisito, a sua vida não o é menos. A sua ironia cortante, a extravagância arrojada das suas aventuras e o mistério que o levou à prisão constituem um verdadeiro romance que não caberia nas páginas estreitas do Reporter X. Para dar uma pálida ideia da simpática insolência com que tratava a aristocracia inglesa, que é aliás freqüentava altivamente, por direito de educação e de sangue, basta-nos contar duas curiosas aneddotas:

Representava-se pela primeira vez, em um teatro de Londres, *Uma mulher sem importância*, peça na qual os preconceitos fidalgos da velha Albion ficam bastante abalados. No intervalo do primeiro acto, o público da *premiere*, constituído pela melhor sociedade inglesa visada pela comédia, aplaudiu espontaneamente. Deixara-se arrastar pela arte irresistível de Wilde.

— Autor! Autor! — chamavam os mais entusiastas.

Depois de muito instado, Wilde veio ao palco, com o seu ar insolente, puxando fortes fumaças de um grande charuto. A um sinal negligente da sua mão, emudeceram os aplausos. O autor ia falar. E falou.

— Eu sei — disse êle — que não é de pessoa bem educada vir perante Vossas Excelências, fumando, mas não de concordar que não é menos indelicado incomodar um autor no momento inefável em que êle principia a saborear o seu charuto.

O talento de Wilde, porém, absolvía tôdas as suas insolências. Uma delas, que visava o pedantismo da sociedade elegante que freqüentava, é de um grande arrojado e de uma graça sangrenta.

Oscar Wilde apresentou-se, uma noite, em uma *soirée* elegante, *vitruve* faiscante de joias e *toilettes* nababescas, vestido de mendigo. O seu traje esfarrapado causou surpresa e escândalo. E quando um cavalheiro mais atrevido o admoestou brandamente de se apresentar em tal estado, Wilde, circunspecto, mostrando a etiqueta cosida no interior da gola do casaco rôto e sujo, informou, solene: — Foi feito no melhor alfaiate de Londres...

Este homem excepcional, este talento extraordinário, este espírito de requintada revolta, que ao defender os párias dizia que êles não tinham apenas direito

ao pão, mas também à beleza, como os mais favorecidos da sorte, este mestre do paradoxo morreu na miséria, ignorado, num quarto de um modestíssimo hotel de Paris, há aproximadamente trinta anos. E só agora Dupoirier, o seu hoteleiro, o seu enfermeiro carinhoso, que lhe assistiu solícito aos últimos momen-



O quarto do Hotel Alsacia, de Paris, onde morreu Oscar Wilde

tos, fala para o mundo através do Reporter X.

## A VIDA ÍNTIMA DE WILDE — A MARCHA INEXORÁVEL DA DOENÇA

— O hospede — prosseguiu Dupoirier — não era muito amavel. Instalou-se nos dois compartimentos que tinha alugado por setenta francos por mês. O primeiro servia-lhe de escritório, o segundo de alcôva.

«Em presença do criado, Julio Patuel, não descerrava os lábios e se precisava de alguma coisa era a mim que sempre se dirigia. «João, dizia-me êle, é necessário ir à Avenida da Opera buscar-me um pouco de cognac.» Era um cognac estupendo que custava vinte e cinco

francos cada garrafa, e que depressa subiu para vinte e oito francos. Nos primeiros tempos Wilde tomava quatro a cinco garrafas de cognac por semana. Também lhe servia tôdos os dias o seu pequeno almoço, pelas duas horas da tarde, que constava invariavelmente de uma costeleta de carneiro e dois ovos cozidos. De tarde ou à noite saía, mas antes escrevia ou lia durante umas horas. Depois ia ao café, e nunca regressava a casa antes das duas ou três da madrugada.

O sr. Dupoirier fala com muito respeito do grande escritor inglês. Presente-se nêle uma íntima devoção por esse homem extraordinário cuja existência observara nos mínimos pormenores, como se observa um ente quasi sobrenatural. — E a sua última doença?

Dupoirier recorda-se perfeitamente, embora não saiba que essa doença que para sempre o prostou se chamava meningite sililítica. Até se recorda que um dia o ajudou a descer ao andar inferior onde o enfermo se deitou para ser operado pelo dr. Ticker. Depois, o doente teve necessidade que cuidassem dêle. E o sr. Dupoirier foi o seu enfermeiro.

— Era resignado, o seu doente? — Sim. Quando sofria demasiado eu dava-lhe injeções de morfina. Ainda possuo a seringa com que lhas dava.

«Durante a noite, eu dormia numa poltrona em frente do seu leito. Preferia a minha presença à do enfermeiro, até que um dia foi vê-lo o senhor cura de Saint-Germain-des-Prés. Foi então que se converteu à religião católica, e duas irmãs de caridade passaram a assistir-lhe de dia e de noite. Conversava com elas animadamente.

«A enfermidade, porém, agravou-se. O seu fim aproximava-se. Três ou quatro dias antes de morrer, faltou-lhe a vista. Era a pior fatalidade que sobre êle poderia cair. Era uma religiosa que lhe lia os versos que êle tanto estimava.

«Uma noite, quando eu dormia na minha poltrona, a irmã de caridade veio despertar-me. O doente agitava-se, aflito. Era o fim. A's nove da manhã soltou dois ou três suspiros profundos e morreu.

«Ajudado pela religiosa, lavei-o, pentei-o e vesti-lhe o seu lindo fato côr de

(Continua na pag. 15)

# O momento mais emocionante da vida do «Capitão Dias»

Sempre capitão... sendo tenente-coronel — Um jesuíta de palha — Pontarias altas e um calcanhar atingido — «Jesuítas» pisados à vista da polícia — O General Moraes de Almeida e o «Capitão Dias»

NOS homens públicos há duas consciências: a consciência do homem, sujeita a comoções de vária ordem, mais ou menos elástica, e a consciência do cargo, recta, inflexível, brutal. Um juiz pode, como homem, ter a maior compaixão pelo réu, que uma série de circunstâncias dolorosas atirou para o crime. Mas o juiz, como juiz, não pode deixar de condenar e condena, ainda que a sua consciência humana fique

reza de olhar, aquêle ar antipático, provinham do cargo ou se eram consequência dêle. O que é certo é que nunca se ria, pelo menos em público. Bastantes vezes, quando êle ia para a friza do Ginásio, quis surpreender um sorriso seu ante a graça irresistível do Vale, do Cardoso ou do Telmo; mas nada... era sempre o mesmo olhar duro, a mesma bigodeira feaçnhuda que parecia nascer, como tôjo, nas duas brenhas tenebrosas que eram as ventas.

O Capitão Dias! Foi promovido a major um belo dia; mais tarde era tenente-coronel mas continuou sempre a ser... o Capitão Dias.

## A QUESTÃO DOS JESUITAS

Não sei como aquilo foi, quais os cordelinhos políticos que manobram os fantoches populares. Nós, os estudantes daquêle tempo, pouco nos interessavamos com a política, mas a questão jesuíta surgiu de repente na Escola Politécnica, começou jocosamente e acabaria em tragédia se não fosse a interferência indirecta mas bem sensível do Rei D. Carlos. Uma bela manhã alguns estudantes transportavam um *jasuíta* de palha e trapo que tinham mandado fabricar num colchoeiro das vizinhanças da Escola, com a benévola intenção de o enforcarem numa espia que atravessava a Rua da Escola Politécnica. Mas o estudante propõe e o Capitão Dias dispõe... dispõe, sobretudo, dum valentíssimo grupo de policiaes feaçnhudos que, a toque de caixa, saiu do Governo Civil e ocupou a nossa rua. O *jasuíta* foi arrancado à fúria justicelra dos estudantes e levado entre dois policiaes para a esquadra do Rato. O Capitão Dias surgiu, como sempre, inesperadamente mas daquela vez não se contentou com o estado de presença e botou fala aos estudantes... botou fala e saiu bota pois que dentro em pouco não se ouvia senão: fóra! pum! pum! fóra o Capitão Dias!



O célebre «Capitão Dias»

(Caricatura feita de memoria pelo grande artista Jorge Colaço, que obsequiosamente a ofereceu para ilustrar este artigo)

vexada com a outra. Por isso o momento mais emocionante da vida desses homens é, quasi sempre, aquêle em que se trava a luta entre as duas consciências. O caso do Capitão Dias é sintomático.

## QUEM ERA O CAPITÃO DIAS

Não sei como se chamava... Sei apenas que foi durante bastantes anos comandante da Polícia Civil e creio mesmo que foi o seu organizador. Assentara o seu arraial no Governo Civil mas estava em tôda a parte. Em dias de festa popular, tão depressa aparecia na Avenida como surgia na Graça ou no Chiado. Surgia inesperadamente; reorganizava o transitto interrompido por qualquer incidente ou apenas deitava uma mirada a asseguurar-se da *bôa ordem* e logo desaparecia. Ia a pé para tôda a parte e, coisa estranha, chegava sempre a horas, no momento preciso. Era alto, anguloso, moreno, exageradamente moreno mesmo, e usava permanentemente uma cara de pau bastante antipática. Ainda hoje não sei se aquela du-

(Conclui na pag. 15)

## Os mistérios da semana

(Continuação da pag. 10)

mofearam a liberdade a vários povos, como os macedonios e como os bravos montenegrinos, criando-se um império artificial mantido à custa de quotidianas crueldades e crimes. A inquietação e a cólera populares agitaram a vida das cidades em repetidas revoltas — logo reprimidas e afogadas em sangue. O general Oral Petrovitich, comandante da gendarmaria sérvia, populariza-se hoje em toda a Europa como uma figura sinistra, como um Scarpia moderno. Ao menor protesto popular, ao menor esboço de revolta, os seus homens assaltam os lares, enchem os presídios, chicoteiam velhos e mulheres e fuzilam os que supõem cabeças de motim. Pois bem: o general Petrovitch acaba de sofrer um misterioso castigo no Tribunal de Cettigne — antiga capital do reino do Montenegro. Os montenegrinos já mais se resignaram à escravatura; mas são tão poucos e tão perseguidos que a sua rebeldia é um continuo martírio. No final do ano passado organizou-se em Cettigne uma assembleia secreta para suplicar às potências a liberdade de Montenegro.

O general Scarpia, avisado pelos seus esbirros, invade a reunião e prende cento e tantas pessoas de todas as idades e até mulheres que a ela assis-



Os cadáveres dos 14 mortos montenegrinos, frente ao tribunal de Belgrado

«Foto» Daily Mirror

tiam, levando-as para o cárcere sob o latego dos seus carrascos e sob as balonetas ensanguentadas dos seus gendarmes. Naquela mesma noite os 14 organizadores da assembleia secreta foram fuzilados. Na manhã seguinte uma nota oficiosa publicada pelo *Pravda*, de Belgrado, órgão do governo, informava que os 14 montenegrinos tinham fugido do cárcere, ignorando-se o seu actual refugio. Protestou contra essa sinistra mentira o consul inglês, que um acaso fizera testemunhar a carnificina. O governo, ante a influência dos ministros estrangeiros, viu-se obrigado a um simulacro de julgamento onde o feroz general seria seguramente absolvido graças às batotas judiciárias... Ao amanhecer do dia da última audiência, em que se provaria a inocência de Petrovitch, uma multidão surgiu frente ao tribunal... Quando a policia chegou para ver a causa daquele agrupamento, encontrou, num macabro estadal, os 14 cadáveres dos mártires montenegrinos. Quem os fôra desenterrar à vala comum? Quem e como os conduziu de Cettigne para Belgrado? Ignora-se... Mas os juizes, ante aquelas mudas testemunhas, não tiveram outro remédio senão condenar o general Scarpia...

## A «Mão Negra»

Por absoluta falta de espaço — razão que... não é *pretexto* porque basta folhear rapidamente este número para se concluir que nenhum dos assuntos p. dia ser adiado — somos obrigados a suspender até à próxima semana as revelações sobre a famosa «Mão Negra», que tão grande interesse têm despertado no público.

## Salmão fresquissimo alimentado a pérolas

PARA que é esse sorriso de incredulidade, leitor? Duvidas de que o salmão, o saborisissimo peixe que é como que o fidalgo de quantas espécies o mar produz, possa ser alimentado a pérolas?

O salmão é pelo seu sabor delicadissimo o peixe preferido por todos os que gostam de ver a sua mesa bem servida. Quando ele surge num banquete todas as outras iguarias, como as estrélas ao nascer o Sol, deixam de brilhar. Para ele vão todas as deferências, todas as atenções. Que admira pois que sendo ele o alimento de eleição das pessoas de bom gosto, por sua vez escolha para seu alimento o que o mar oferece de mais belo e valioso — a pérola?

Não se trata de fantasias de um jornalista mas de uma verdade comprovada, uma descoberta recente e sensacional. Que os salmões se alimentam a pérolas afirma-o uma entidade de quem não é licito sequer duvidar. A Frutaria Bristol, célebre pelas frutas das melhores qualidades, pelos frescos e saborosos mariscos e pelas finisimas conservas, apresenta todos os dias ao público salmão fresquissimo alimentado a pérolas. Querem dissipar as vossas duvidas? Dirijam-se à Frutaria Bristol, na Rua Eugénio dos Santos, 57-Lisboa—ou telefonem automaticamente para o n.º 24637, que depressa as encomendas mais exigentes em qualidade e em mocidade de preço vos serão prontamente satisfeitas.

## Com pão e alegria vivem todos contentes

É BEM certo o ditado: «nem só de pão vive o homem». Vive do espírito e este só se sente bem com a alegria. Pode, portanto, dizer-se que o homem não só vive de pão como de alegria. Beneditos sejam, pois, os espíritos alegres, que são criadores de bem-estar!

Se evocarmos as grandes festas populares, dêse os arraiais minhotos às romarias ruidosas e às *marches aux flambeaux*, aos bailados e descantes, não podemos deixar de pensar que, na realidade, a alegria é tão necessária ao povo como o jantar a horas e que festa que não meta iluminações à veneziana, balões garridos, buscapés gaiteiros, foguetes estrelajantes — toda a furia entontecedora das luzes de mil cambiantes e dos fogos de artifício — não é festa, é funebre manifestação.

Por estas razões se afirma que o sr. José Joaquim dos Santos é um homem providencial, porque ele, só por si, sabe atender como ninguém às primeiras necessidades do homem — às dos estomago e às do espírito. Só ele sabe atender às do estomago porque é no seu estabelecimento da Rua do Bemformoso, 94, 102, 112-Lisboa — que se obtêm os mais puros e mais baratos géneros de mercearia. Só ele atende às altas necessidades de alegria espiritual porque é ainda no seu famoso estabelecimento que se encontram os mais originaes e lindos balões e os fogos de artifício de mais arrojada confecção. Tomou tal desenvolvimento o negócio do sr. José Joaquim dos Santos que as suas relações comerciais ultrapassam as fronteiras, tornando a importação e exportação dos mais variados produtos uma função primacial da sua acreditada casa.

## HOMENS E FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

*gueses modelares, dois mouros de trabalho, dois financeiros distintos; e seriam até dois honrados banqueiros da nossa praça... se não se lhes descobrisse os alcapões...*

*Ah! Desertores da mocidade! A vida exautora-vos—mas o vosso crime é quasi digno do castigo... Nada mais belo do que uma mocidade bem gozada — embora nunca se chegue depois a millionario — porque raro é o boémio que resvala em bandido...*

R. X.

### METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92  
Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS  
**Gomes da Silva, Ltd.**  
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos  
para a industria

## “OS ONZE ESQUELETOS DO CARMO”

Roga-se ao «assíduo leitor» que nos dirijua a interessante carta com as revelações que publicámos no número passado que nos indique a sua direcção para estabelecermos um contacto epistolar objectivando novos estudos sobre o mesmo assunto.

### QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no  
*Gama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correlo mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

LEIAM A “NOVELA POLICIAL”

## Desvenda-se o mistério da morte de Oscar Wilde

(Continuação da pag. 13)

castanha. Ele era um *dandy*. Cuidei dele como se fosse uma pessoa da minha família.

### O MODESTO FUNERAL DE UM GRANDE HOMEM — A ÚLTIMA RELÍQUIA

O sr. Dupoirier recorda-se de todos estes quadros tristes, destas cenas íntimas dos derradeiros tempos da vida do grande escritor. Uma grande ternura adoece as linhas plebeias do seu rosto. Há trinta anos que Oscar Wilde morreu. Foi a 30 de Novembro de 1900. Dupoirier relembra o seu funeral, que foi de sexta classe, modestíssimo. Duas corças adornavam o feretro, uma oferecida por Stuart Merrill e outra pelo chefe dos creados do Hotel Alsacia. Porque Oscar Wilde adorava as flores.

Cerca de quarenta pessoas acompanharam o enterro, entre elas Douglas, Stuart Merrill, João Dupoirier, o hoteleiro, e Julio Patuel, o creado. Mas grande multidão assistiu à passagem da carreta, a pontos da policia ter que guardar a porta do hotel.

Quando, impelidos pela indiscreta curiosidade jornalística, preguntámos ao sr. João Dupoirier se Oscar Wilde lhe devia dinheiro, respondeu-nos quasi ruborizando:

— Os amigos do escritor cotizaram-se para pagar o que devia no hotel. Um mandou-me trezentos francos, outros, quinhentos, outros, mil...

— ?...  
— Sim, dava-lhe crédito — afirmou Dupoirier. — Naquelles tempos não se pagava com regularidade... De resto, aquelle hospede estava doente. Esteve seis meses de cama no Hotel Alsacia... Eu não devia pô-lo na rua...

E mudando de assunto, que parecia perturbá-lo, acrescentou:

— Tenho dele varias recordações... Espere. Vou mostrar-lhas...

E Dupoirier dirigiu-se a um escritorio acanhado, abriu uma caixa e sobre a mesa desembrulhou um pequeno pacote de papel de seda. Apareceu uma dentadura postiça, em ouro. Era a mandibula superior, a qual apenas faltavam os molares.

E a mão tremia-lhe ao mostrar aquella reliquia.

M. D.

(Copyright do Sindicato Internacional de Jornalismo, Paris. Reservados todos os direitos de reprodução)

## "REPORTER X,"

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

## O VAMPIRO DO CHIADO

CINCO horas. A hora *chic*, a hora elegante do chá.

O Chiado parece um mar de cabeças humanas. Uns sobem, outros descem e, ainda, outros, com ares de importantes, estão encostados, polindo sem querer as paredes e as esquinas. Aquil, um jovem pelintra cavaqueira com um velho libertino; ali, um «souteneur» procura fazer a corte ás damas que vê; além, um tipo misterioso, de monóculo afivelado, mira e remira todos os que passam. Ao passarmos por este último diz-nos Rosita: «Conheces este tipo? É o vampiro do Chiado. Conheci-o aqui, neste mesmo sitio, e deixei-me seduzir pelos seus galanteios. Todas as suas conversas versavam sobre joias e, depois de saber que as minhas andavam quasi sempre dentro de um envelope na minha carteira, convidou-me a um passeio a sitio afastado. Uma vez ali, apoderou-se da minha carteira, roubou-me o envelope, ameaçando-me, de revolver em punho, que me matava se o denunciasse. Aterrorizada, caí sem sentidos. Quando voltei a mim achava-me rodeada por duas senhoras que, condoidas da minha pouca sorte se lastimavam de terem sido vitimas do mesmo ardil.

«Refeita um pouco do susto, apanhei a carteira para tirar um lenço e, qual foi o meu espanto ao ver que as joias ainda lá estavam! O bandido levou por engano um outro envelope com um par de meias de seda das de 17\$50, que pouco antes eu havia comprado no *Rei das Meias*, do Largo da Aboegaria, 32 (Ao Chiado). E foi assim que eu, abraço áquelas meias, escapel ás garras do Vampiro.»

## O MOMENTO MAIS EMOCIONANTE DA VIDA DO "CAPITÃO DIAS"

(Continuação da pag. 13)

son Schlappa afirmava que a policia não entraria na escola senão depois de passar sobre o seu cadáver. O general Moraes de Almeida passeava nervoso. Outros Lentes aconselhavam calma e até o Conselheiro Aquiles Machado, o terror dos estudantes, esteve do nosso lado e consentiu (se não aconselhou) o transporte de garrafas de ácidos corrosivos para uma barricada que tinhamos construido no patamar superior da escadaria que dava para o corredor da «Fisica». Os estudantes foram duma grande prudencia a pesar de bem armados com cacetes e espadas e bem municiados com pedras que uma brigada diligente trouxera do jardim.

### JESUÍTAS E JESUÍTAS

Alguém — algum estudante — mandou fabricar na pastelaria fronteiriça muitas dúzias daquelles pasteis triangulares que tinham o nome de jesuitas e que custavam um vintem, e os estudantes saiam um a um o portão de ferro, iam á confeitaria, comprovam os jesuitas e... (máxima provocação á autoridade!) pisavam-nos nas barbas dos policiaes e do próprio Capitão Dias. Aquilo era á bicha, mas bicha silenciosa. Isto acabou por irritar o Capitão Dias que, já não podendo mais, quis entrar á força na Escola. Já intimava o porteiro e este, muito á medo, dispunha-se a abrir a porta de ferro, mas o Pai Moraes — o general Moraes de Almeida — aparece e sem discursos obriga o capitão a perfilar-se, a fazer-lhe a continência... a rodar nos calcanhares.

...Não me repugna, pois, afirmar que o momento mais emocionante da vida do Capitão Dias foi aquelle. O homem queria vingar os jesuitas de carne e osso dos ultrages sofridos pelos jesuitas de farinha e açúcar e vingar-se pessoalmente da traço dos estudantes; mas o capitão teve que obedecer ao general... e perfillou-se, fez a continência e rodou nos calcanhares.

TOM

## O MISTÉRIO DA LISBOA SUBTERRÂNEA

(Continuação da pag. 5)

tadas. O empreiteiro alemão viu ainda, nessas secretas habitações, mesas, canecas, pratos, colchões, facas, armamento e... esqueletos humanos. E termina assim: «De todos os mistérios que murallharam as minhas investigações, o que mais me intrigou foi o dos túneis ramificadissimos que surdem dos sub-solos do Palácio da Inquisição. Fosse obra do terramoto, fosse obra humana — o que é certo é que o labirinto é indecifrável. Quando julgava ter encontrado a ligação com o restante dos ramais, surgia-me uma fronteira infranqueavel.»

Ora os túneis subterrâneos do Palácio da Inquisição são os mesmos em que eu me perdi, há vinte e três anos, visto que o Teatro Nacional foi construido onde era aquelle sinistro Palácio...

R. X.

## A FERA

(Continuação da pag. 7)

«Al do domador que deixa ver á fera duas coisas: ou sangue ou medo — disse-me elle uma vez. — O animal melhor domado, se vê o sangue correr no rosto ou na mão do dono, em consequência duma patada sua ou seja do que fór, está perdido. Nada conseguirá vencer a sede do bicho. O meu d'Artagnan está inutil para o trabalho por causa de uma gota de sangue... Suguel a ferida — mas já não fui a tempo... O instinto da fera despertara para sempre — ella que nascera na minha *ménagerie* e que era a mais dócil de todas.»

Uma noite, um dos três irmãos foi desobedecido pelos tigres — e via-se já sob a suas garras quando Yvanoff, chamado á pressa, invadiu a jaula e os amedrontou. Os tigres recolheram logo para o seu «camion» gradeado e Yvanoff já não se afastou das grades, berrando ameaças aos bichos, como se elles o pudessem comprender; e logo que o espectáculo terminou, despiu o casaco, armou-se de um ferro de ponta lanceolada e dum látego e entrando na jaula esteve chicoteando, inquisitoriano os animais até ás 3 da madrugada... As feras, pulando, atiravam-se contra as grades, feriam-se na ansia de se libertarem do chicote que as perseguia, incansavel, brutal, tão feroz como ellas... Yvanoff, quando terminou, tinha o rosto banhado de suor de lágrimas.

«Nada me aflige tanto como castigar os meus bichos! Mas tem que ser! Se não lhes pergesse a sova que lhes preguel — estavam perdidos para sempre.»

Durante a conferência que houve no Passos Manuel entre os dois domadores, Gianovi annunciou que os seus vários casais de tigres tinham tido, simultaneamente, várias crias e que estava disposto a vender algumas. Yvanoff apresentou-lhe então um official da marinha mercante, o sr. Sampato Morgado, que sentia o capricho de adquirir uma fera, ainda de biberon. Comprou um tigre-zinho, lindo como um brinquedo de «biscuits», por 1.200 escudos e trouxe o, cheio de entusiasmo, para Lisboa. Foi uma surpresa alegre para a familia... Baptizaram-no com o nome de «Dragão»... Construíram-lhe uma jaula no jardim — e o animal cresceu, tão dócil como um cachorro... No dia 28 de Janeiro, uma filhinha de Sampato Morgado, habituada a ver o pai, todas as tardes, entrar na jaula e acariciar a fera, apanhou os criados distraídos e aproveitando-se da confiança que todos tinham no «Dragão», quis também acariciá-lo. Ouviu-se um grito de terror, e quando os criados e a familia correram ao jardim — já a pequenina Maria Augusta era cadáver, um cadáver desventrado, mutilado, empapado de sangue.

R. F.

O maior sucesso literário de 1931

# Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE !      ASSUNTOS PALPITANTES !

DIRECTOR :

**REINALDO FERREIRA**

(REPORTER X)

---

Quinta-feira, 26 de Fevereiro

## NOVELA POLICIAL

N.º 5

### “As azagaias da princesa mulata”

Original inédito do REPORTER X

---

#### A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,  
original, inédita — Capa a côres

**Preço : UM ESCUDO**

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço  
2-5442 || LISBOA || Telegráfico  
REPORTERX